Entre o clique e o corpo: imaginários midiáticos sobre as criadoras de conteúdo adulto[1]

Caroline von Randow[2]
Filipe Mostaro[3]

Resumo expandido Painel Temático

A crescente expansão de plataformas digitais que permitem a monetização de conteúdo adulto, como *OnlyFans* e *Privacy*, tem aquecido debates sobre os efeitos da indústria pornográfica na sociedade, nas relações interpessoais e no bem-estar dos indivíduos. Essas plataformas, organizadas em torno de um modelo de negócio que retém parte dos ganhos dos criadores, são frequentemente retratadas em produtos midiáticos como espaços de autonomia, transgressão ou empoderamento, uma representação que tende a reforçar a ideia de agência, mas pode acabar simplificando ou ocultando as condições estruturais que atravessam as experiências ali vividas, bem como os efeitos socais das dinâmicas que acontecem nesses ambientes.

Este artigo busca investigar como o portal UOL, um dos principais veículos de notícias do Brasil, por meio de seu discurso jornalístico, participa da construção de sentidos sobre as produtoras de conteúdo adulto, tomando como ponto de partida as cinco primeiras matérias publicadas, em 2025, na seção dedicada ao *OnlyFans*. O método utilizado é a análise crítica da narrativa desenvolvida por Luiz Gonzaga Motta (2013), que se propõe a analisar as narrativas como processos sociais. A análise considera que essas matérias operam dentro de um campo discursivo mais amplo, em que narrativas, símbolos e consumo se entrelaçam para produzir uma determinada visão de mundo. A proposta é compreender como, entre o clique e o corpo, a mídia organiza representações que atravessam o desejo, o mercado e a exposição na cultura digital.

---

[1] Trabalho apresentado no ET "Afetos, sexualidades e tecnologias: redes de controle e de insurgência" do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Realização Faculdade Cásper Líbero, nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

[2] Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, e-mail: randow.caroline@posgraduacao.uerj.br

[3] Professor Adjunto do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UERJ. Coordenador do AudioLAb UERJ. Docente permanente do PPGCOM-UERJ, e-mail: filipemostaro@hotmail.com.

No campo da comunicação, especialmente no jornalismo, a narrativa ultrapassa a função de relatar fatos. Como aponta Luiz Gonzaga Motta (2013), as narrativas midiáticas operam como formas de interpretação do real, inseridas em um campo de disputa simbólica no qual são negociados valores, ideologias e visões de mundo. Essa perspectiva se fundamenta na premissa de que a realidade cotidiana não é um dado objetivo, mas uma construção social complexa.

A análise crítica da narrativa, proposta por Motta (2013), parte da premissa de que, para além de informar, as matérias jornalísticas dramatizam eventos, organizam papéis sociais e constroem tramas com começo, meio e fim. Nesse processo, aspectos como a escolha do protagonista, a definição do conflito e a resolução implícita ou sugerida contribuem para que os fatos ganhem um sentido e compreensivo para o público dentro de um contexto social e cultural específico. Cada narrativa, nesse sentido, é uma operação de enquadramento que seleciona e hierarquiza elementos da realidade, oferecendo ao público uma determinada leitura dos acontecimentos.

Complementando essa perspectiva, Paul Ricoeur (1994) defende que é por meio das narrativas que o tempo e a experiência humana se tornam apreensíveis e compreensíveis. Para explicar esse processo de articulação entre tempo e narrativa, Ricoeur (1994) propõe o conceito de tríplice mimese, resgatando, em Aristóteles, a referência à mimese, originalmente entendida como imitação da realidade. Em sua obra, no entanto, Ricoeur emprega o conceito de mimese para designar uma versão da realidade, não uma cópia. A mimese ricoeuriana, assim, corresponde a um processo de recriação do mundo pela ação narrativa do homem.

Indo além, Wolfgang Iser (1996) nos mostra que uma narrativa não age sozinha, mas, sim, depende diretamente da imaginação do leitor ou receptor. Assim, ao ler ou ouvir uma história, ativamos nossos próprios conhecimentos e experiências para preencher as lacunas do texto ou áudio. Para Iser (1996), esse processo de simulação, chamado por ele de “atos de fingir”, é uma forma legítima e poderosa de produção de sentido e de compreensão do mundo.

No contexto do jornalismo, essas dimensões narrativas se atualizam na maneira como os veículos de imprensa organizam os relatos sobre determinados sujeitos e práticas. A escolha de um enredo específico, a dramatização do corpo como dilema moral ou conquista, e a ativação de

repertórios afetivos compartilhados são aspectos centrais para compreender como as produtoras de conteúdo adulto, por exemplo, são representadas midiaticamente.

A discussão sobre narrativas como estruturas que criam sentidos, no contexto jornalístico, nos leva diretamente à análise de como as matérias e reportagens participam da construção e circulação dos imaginários sociais. Esses imaginários, conforme destaca Jean-Jacques Wunenburger (2007), atuam como "uma emancipação com referência a uma determinação literal, a invenção de um conteúdo novo" (p. 11), sendo fundamentais na formação das culturas e das subjetividades humanas. A imaginação, para o autor, é um agente ativo na construção da realidade.

Através das interações sociais, essa dinâmica complexa, que abrange a criação e a organização de símbolos que dão sentido ao mundo, é compartilhada, e os imaginários coletivos são formados, mantidos e transformados ao longo do tempo, constituindo um horizonte de significados compartilhados que permitem a uma sociedade se identificar e interagir entre si. É por meio dessas molduras que compreendemos e internalizamos certos papéis sociais, como o de "mãe", "mulher desejável" ou "transgressora". Para Gilbert Durand (1995), essas figuras são manifestações de arquétipos, estruturas profundas e universais do imaginário humano. Ele argumenta que a imaginação se organiza em torno de símbolos primordiais que se expressam na cultura e na sociedade, formando a base de nosso entendimento do mundo. É nesse processo de organização que a estrutura do imaginário se conecta com a narrativa, um fenômeno que Durand chama de mito.

Neste trabalho, parte-se da hipótese de que a forma como a mídia representa as mulheres que vendem conteúdo adulto no OnlyFans mobiliza repertórios culturais sobre feminilidade, empoderamento e transgressão. Com base nesse pressuposto, este artigo visa analisar como o UOL ativa os imaginários, ou seja, como as narrativas sobre o "corpo como capital", a "empoderada que escolhe" ou a "vítima da exposição" são construídas por meio de signos, enquadramentos e estereótipos. Com a análise crítica dessas representações, espera-se observar como esses imaginários se articulam nas matérias analisadas, possivelmente oscilando entre registros de empoderamento, espetacularização a intimidade e moralização.

Este artigo adota uma abordagem qualitativa, centrada na análise crítica da narrativa jornalística e na pesquisa de bibliografia. O corpus empírico é composto pelas cinco primeiras

matérias publicadas, em 2025, na editoria dedicada ao OnlyFans no portal UOL, um dos principais veículos de comunicação online do país. São elas: (1ª) Petra Mattar cogita voltar a atualizar seu OnlyFans: 'Vocês assinariam?'; (2ª) Após reconstrução íntima, influencer casada quer perder virgindade com fã; (3ª) Arthur Urach diz que recebeu oferta de R$ 100 mil por pelos pubianos; (4ª) 'Cansei de fazer com brinquedos', diz Luiza Ambiel sobre pornô com fã; (5ª) Musa do OnlyFans bate recorde ao transar com mais de mil homens em 12 horas. O método de análise escolhido é a Análise Crítica da Narrativa, conforme proposta por Luiz Gonzaga Motta (2013), que parte do princípio de que os textos jornalísticos não se restringem ao relato de fatos, mas, sim, constroem narrativas que moldam e refletem valores, personagens e conflitos. Assim, o foco recai sobre a maneira como as matérias enquadram as produtoras de conteúdo adulto, construindo sentidos sobre seus corpos, escolhas e trajetórias.

A análise será dividida em duas etapas: (1) uma leitura individual e aprofundada de cada matéria, buscando identificar os elementos narrativos centrais, como o papel do protagonista, a construção do conflito, os enquadramentos simbólicos e os valores mobilizados; e (2) uma síntese comparativa, com o objetivo de identificar padrões discursivos recorrentes, contradições e disputas de sentido que atravessam o conjunto de textos. Parte-se da premissa de que os discursos jornalísticos são atravessados por relações de poder e operam na reprodução de representações sociais, especialmente no que diz respeito ao corpo feminino, à sexualidade e às noções de agência.

Hoje, o OnlyFans está cada vez mais popular, com diversos produtos midiáticos fazendo referência à atividade popularmente conhecida como *camgirl*. O tema está presente do pop ao sertanejo, no Brasil e no mundo, e já foi explorado também na teledramaturgia brasileira, como um dos temas centrais da vida de uma das protagonistas da novela "Terra e Paixão" e, mais recentemente, na série "Amor da Minha Vida". Apesar da crescente popularização, os dados revelam um cenário bem menos glamouroso do que estamos acostumados a ver nas narrativas culturais e midiáticas. De acordo com o relatório "*Annual report and financial statements for the year ended 30 november 2023"*[4], da Fenix International Limited, controladora do OnlyFans, publicado no portal de transparência do governo britânico, a plataforma movimentou, em 2023,

[4] GOVERNO BRITÂNICO. Fenix International Limited Annual Report and Financial Statements for the year ended 30 november 2023. Disponível em: https://find-and-update.company-information.service.gov.uk/company/10354575/filing-history. Acesso em: 25 de setembro de 2025.

mais de US$ 6,6 bilhões em transações. Desse total, 80% foram repassados aos criadores e criadoras de conteúdo, cerca de US$ 5,28 bilhões. Se esse valor fosse dividido igualmente entre os 4,1 milhões de perfis ativos no período, resultaria em uma média anual de US$ 1.283 por pessoa, ou seja, cada um teria recebido US$ 107 por mês.

Essa média contrasta fortemente com os relatos de criadores que obtiveram ganhos impressionantes, amplamente divulgados na mídia jornalística e nas redes sociais, sugerindo que uma pequena parcela de perfis concentra a maior parte do montante movimentado. Assim, a repercussão desses casos reforça um imaginário que não necessariamente reflete a experiência da maioria, o que pode acabar atraindo pessoas que se encontram em circunstâncias difíceis, como desemprego ou necessidade financeira urgente.

Ao tratar as matérias como práticas discursivas inseridas em contextos socioculturais específicos, este trabalho busca evidenciar como o jornalismo contribui para construir e fixar determinados imaginários sobre as mulheres que produzem conteúdo adulto em plataformas digitais, imaginários esses que, para além de apenas representá-las, moldam experiências sociais e subjetividades.

Palavras-chave

Narrativas jornalísticas; OnlyFans; Sexualidade; Imaginários.

Referências

DURAND, Gilbert. A imaginação simbólica. Portugal: Lisboa. 1995.

GOVERNO BRITÂNICO. Fenix International Limited Annual Report and Financial Statements for the year ended 30 november 2023. Disponível em: https://find-and-update.company-information.service.gov.uk/company/10354575/filing-history. Acesso em: 25 de setembro de 2025.

ISER, Wolfgang. O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária. Tradução de Johanes Kretshmer. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise crítica da narrativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa I, II, III. Trad.: Constança Marcondes Cesar. Campinas (SP): Papirus, 1994.

SANTOS, Maria Helena; RANDOW, Caroline. Além das quarentenas: a expansão do OnlyFans durante a pandemia e o corpo feminino como 'commodity'. In: OLIVEIRA, Denise da Costa; FREITAS; Ricardo Ferreira; FORTUNA, Daniele Ribeiro. (Org.). Narrativas na Pandemia: corpos, escritas e subjetividades. 1ed.Rio de Janeiro: Ayran, 2024, v. 1, p. 243-266.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. O imaginário. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2007.